



COMUNIDADE LEITORA, COMUNIDADE ATUANTE

Sara da Silva Pereira¹ - UEPG

Grupo de Trabalho – Educação da Infância
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

O presente relato retrata um projeto institucional desenvolvido no Centro Municipal de Educação Infantil A Baba do Passarinho, localizado em São José dos Pinhais, no Estado do Paraná. Através de um diagnóstico de como a leitura estava sendo focada na Unidade percebeu-se a necessidade de reflexão acerca deste trabalho, visando formar leitores e privilegiar a leitura em diferentes âmbitos. Por conseguinte, a gestão decidiu investir na formação continuada do grupo de trabalho, o que culminou na elaboração do projeto *Comunidade leitora, comunidade atuante*, com o objetivo maior de estimular o hábito da leitura pela comunidade escolar. Para tanto, foram utilizadas metodologias como: momentos para estudos, leituras e reflexões em reuniões pedagógicas, suporte para a produção de sequências didáticas, ampliação do acervo literário da unidade, tematização das práticas e melhorias dos espaços de leitura. Diversos autores respaldaram a formação do grupo, sendo que dentre os mais lidos, estão: FONSECA (2012), MAIA (2007), SOLÉ (1998), PARREIRAS (2012). No desenvolvimento do projeto a equipe gestora envolveu toda a comunidade escolar, através de objetivos definidos para cada um e das constantes avaliações feitas por todos. Além de maior segurança e respaldo do grupo para desenvolver o trabalho, o que se percebeu foram pessoas mais envolvidas com a leitura, seja lendo ou falando sobre o assunto. E os resultados foram mais do que positivos, pois tanto as crianças quanto os adultos ampliaram seu vocabulário, apreciaram diversos gêneros textuais e desenvolveram comportamentos leitores. Os profissionais melhoraram muito suas práticas e os pais passaram a valorizar e participar mais dos projetos desenvolvidos na Unidade. A maior prova disto está lá, na Biblioteca equipada por e para eles, em um compêndio produzido pelos mesmos, que conta um pouquinho desta história.

Palavras-chave: Leitura. Formação de leitores. Formação continuada.

¹ Graduada em Pedagogia pela Unicesumar e em Letras Português/Espanhol pela UEPG. Diretora auxiliar no Centro Municipal de Educação Infantil A Baba do Passarinho, em São José dos Pinhais/Pr. E-mail: sarasummer20@yahoo.com.br.

Introdução

É inegável a importância da leitura na vida do homem, sendo que sua aprendizagem assume uma importante função social, possibilitando-lhe condições para conhecer, refletir e atuar sobre a realidade em que está inserido.

Nos dias atuais é constante a premissa de que a leitura deve ser vista como uma prática social, possibilitando a formação de leitores competentes e críticos. Entretanto, formar bons leitores é um grande desafio. Sendo assim, é necessário conhecer todos os aspectos que permeiam o ato de ler, desde o envolvimento com o mesmo até a construção de sentidos do texto.

Refletir sobre a formação do leitor demanda um olhar atento sobre pontos importantes: como esta prática está sendo trabalhada com os pequenos; como acontece o acesso ao material de leitura; análise da qualidade deste material; ampliação do acervo; formação dos profissionais envolvidos, dentre outros.

Este relato apresenta um projeto institucional desenvolvido pela equipe gestora do CMEI A Baba do Passarinho, oriundo da necessidade de privilegiar a leitura em diferentes âmbitos, a começar pela Unidade, estendendo sua prática a outros ambientes, atingindo um contingente maior de pessoas. Como já eram realizados alguns trabalhos acerca da temática leitura, houve a necessidade da sistematização e registro dos mesmos, culminando no projeto Institucional *Comunidade leitora: comunidade atuante*.

Inicialmente, será apresentado um diagnóstico sucinto da realidade da Unidade antes do desenvolvimento do projeto, seguido de uma breve descrição do mesmo, bem como os resultados alcançados.

Refletindo sobre as práticas

Pensando em melhorar a qualidade do atendimento ofertado às crianças e os espaços que atendem a Educação Infantil, a equipe gestora decidiu focar o olhar para a realidade imediata da instituição, visando investir na formação continuada do grupo, dentro da própria Unidade. Para tanto, as gestoras passaram a produzir projetos institucionais que envolvessem toda a comunidade escolar e o primeiro deles foi para privilegiar a formação de leitores, haja vista a ínfima importância que a leitura assume na vida das pessoas.

Através de uma análise bem detalhada do trabalho com a temática na instituição observou-se que:

- a) grande parte do acervo literário estava perdido (destruído ou extraviado);
- b) os livros que estavam nas salas de aula, nos cantos de leitura, eram os de baixa qualidade (em sua grande maioria, doados pelas famílias), repercutindo em suas páginas muitos estereótipos e trazendo uma concepção de criança que não condizia com a qual se almejava formar;
- c) muitas crianças ainda usavam os livros disponíveis em sala para brincar, rasgando-os e não compreendendo sua função específica;
- d) o grupo de trabalho, de maneira geral, mostrava interesse pela leitura, mas não apresentava conhecimento do acervo da Instituição e nem como explorá-lo em sala de aula;
- e) nem todas as turmas levavam livros de leitura para casa;
- f) algumas professoras não resgatavam o trabalho em sala de aula, sendo que a criança levava uma sacola contendo livros, a família lia, fazia um relato, mas não havia uma continuidade do trabalho na classe;
- g) não havia momentos para reflexão e estudo sobre a leitura.

Através de uma análise criteriosa, as gestoras perceberam que suas próprias práticas poderiam ser aperfeiçoadas em busca de um novo olhar sobre sua forma de atuação, visando a formação continuada do grupo para melhorar ainda mais o atendimento às crianças e comunidade.

O projeto

Com o diagnóstico traçado percebeu-se que no Centro Municipal de Educação Infantil A Baba do Passarinho, a leitura estava sendo estimulada, mas não havia uma reflexão em torno desta prática e de como a mesma estava acontecendo nos espaços da Unidade.

Os livros não deveriam fazer parte da vida da criança somente no CMEI, mas acompanhá-la durante toda a vida, desenvolvendo nestas o hábito da leitura.

A participação dos pais na formação do leitor é essencial, pois esta formação deveria ser iniciada pela família desde quando a criança nasce. Contudo, muitas vezes, estes não são leitores e/ou não têm acesso a bons livros (ignorando muitas vezes o que é um livro de boa qualidade) e não se dão conta de como sua contribuição pode ser valiosa para despertar o interesse de seus filhos pela leitura.

O projeto nasceu da necessidade de se formar leitores e privilegiar a leitura em diferentes âmbitos, mesmo nos diferentes espaços do próprio CMEI, estendendo sua prática a

outros ambientes, atingindo um contingente maior de pessoas. Como já eram realizados alguns trabalhos acerca da temática leitura, houve a necessidade da sistematização e registro dos mesmos, culminando neste documento. Sendo assim, tendo como objetivo geral estimular o hábito da leitura por parte de toda a comunidade escolar, a equipe gestora estabeleceu objetivos para cada um dos envolvidos.

Caberia à direção criar condições institucionais de fomento à leitura, seja através de melhoria do acervo, de formação constante do grupo de trabalho ou da produção coletiva de projetos de leitura, estabelecendo metas que poderiam ser atingidas por todo o grupo.

A pedagoga e a diretora auxiliar teriam como propósitos: capacitar o grupo, através de textos, relatos, vídeos e acesso a materiais abordando a temática, contribuindo para sua formação pessoal bem como para sua prática de ensino; abordar com a equipe os diferentes tipos de leitura: busca de informação, estudo, instrução, fruição; disponibilizar materiais de leitura que abordem diversos gêneros textuais; desenvolver comportamentos leitores na equipe e apontá-los para que a mesma possa identificar o que e quais são estes comportamentos; mediar e compartilhar leituras poéticas e ficcionais com crianças, pais, professores e funcionários em geral.

Caberia aos professores ampliar seu repertório, conhecendo o acervo da Unidade e participando de situações que envolvessem diferentes práticas de leitura. Dentre suas práticas, deveriam privilegiar momentos de leitura e contação de histórias e também oportunizar o manuseio dos livros por parte das crianças.

A equipe operacional teria como objetivos participar da formação continuada e apreciar diferentes gêneros textuais.

Para os alunos a meta seria desenvolver comportamentos leitores e ampliar o repertório cultural e linguístico.

Aos pais caberia: participar dos momentos de leitura com os filhos, relatando depois - por escrito e/ou através de imagens- como foi a experiência da leitura em casa e usufruir do acervo literário montado pela Unidade.

O projeto era audacioso, pois provocava reflexões e demandava mudanças de postura, por isso seria de caráter permanente, sendo reavaliado constantemente.

Inicialmente, o diagnóstico da realidade foi traçado pelas gestoras que filmaram e fotografaram os espaços da Unidade e a maneira com o trabalho estava sendo conduzido. Estas imagens foram utilizadas para tematizar a prática, buscando uma reflexão por parte dos

envolvidos, abandonando julgamentos ou busca de culpados e almejando-se a busca de solução para os problemas encontrados.

Assim, estabeleceu-se que a capacitação aconteceria na permanência dos professores, nos dias destinados para reuniões pedagógicas e em horários extraordinários com educadores, que passaram a fazer parte de um banco de horas quando tinham que entrar antes e/ou ficar após seu período de trabalho. A equipe operacional também iria passar por formação. Contudo, este grupo possuía horários mais flexíveis, sendo mais fácil reuni-lo.

Com o início do projeto, as gestoras reestruturaram o ambiente da Unidade. A biblioteca dos professores ganhou um novo acervo e nichos, onde os livros ficaram mais acessíveis. Criaram-se espaços externos de leitura: murais; varais e árvores de livros; móveis de textos de diferentes gêneros, visando atingir o público adulto e também o infantil. Dentre as ações, destacam-se: mensagens distribuídas aos pais e ao grupo de trabalho quando estes adentravam na Unidade, aproximando-os do universo da leitura e de diferentes tipos de textos; investimento em cantos de leitura externos, propiciando o contato de todos com os livros; a ampliação do acervo; a reestruturação dos cantos de leitura em sala de aula, tornando-os mais acessíveis e atrativos às crianças; a organização de um mural de indicações literárias para professores, funcionários e comunidade escolar, alimentado constantemente; a produção e distribuição de folder para informar aos pais sobre o projeto desenvolvido pela Unidade, utilizando fotografias das próprias crianças e do trabalho desenvolvido pelo grupo; os momentos de apreciação de leitura nos encontros de formação do grupo e nas reuniões de pais; a realização da hora do conto, oportunizando o acesso a toda comunidade escolar; a organização de cafés literários (*Café com poesia* e *Cada conto aumenta um ponto*); a organização de uma campanha para arrecadar livros com o intuito de fazer uma biblioteca para usufruto de todos.

Nos encontros de formação, além de uma leitura inicial de apreciação, eram realizadas análises das imagens da própria instituição, bem como estudos de pautas elaboradas pelas gestoras. Os conteúdos abordados nestas pautas, no ano letivo de 2014, foram: condições necessárias para a formação de um leitor; relações entre literatura e jogo simbólico; critérios de qualidade na literatura infantil; diferença entre ler e contar histórias; o que e quais são os comportamentos dos leitores; o que fazer antes, durante e depois da leitura; a leitura enquanto atividade permanente; gêneros textuais; sequências de leitura na Educação Infantil; organização dos espaços de leitura.

Respalgadas pela formação, professoras e educadoras tiveram a oportunidade de escolher os livros que comporiam os cantos de leitura, tendo contato e conhecimento do material antes do manuseio pelos alunos e da leitura em sala. Os livros ficariam nas salas durante um mês e depois seriam trocados, havendo nova escolha por parte das profissionais, oportunizando aos pequenos o contato com a diversidade presente no acervo. Para isso, foram organizadas feiras de livros com a equipe que -com a ajuda das formadoras- puderam refletir sobre a qualidade do material que estavam recebendo na Unidade, bem como comparar com aquele que possuíam antes da formação.

Outro ponto de destaque no desenvolvimento do Projeto institucional foram os momentos destinados à avaliação e reavaliação do mesmo, onde o grupo pode aperfeiçoar ainda mais o trabalho com a leitura. Um dos aspectos melhorados, nestas constantes revisitações do documento e da prática, foram as *Sacolinhas Viajantes*, que consistem em sacolas contendo livros selecionados pelo professor e disponibilizados para leitura em casa pelas famílias. As sacolas eram feitas, pelas professoras e educadoras, usando um material emborrachado e toda decorada com figuras ou adereços. Contudo, na concepção de criança que o grupo estava construindo, este modelo não estabelecia relação com uma criança que é protagonista de sua própria história. Por isso, as crianças passaram a confeccionar a sacola que levariam para casa, valorizando ainda mais sua produção. Cabe ressaltar que o imaginário da criança era constantemente alimentado pelas próprias histórias que estavam conhecendo. Nos cadernos que acompanhavam as sacolas não havia apenas os relatos dos pais, mas também o relato das próprias crianças enquanto produtoras de cultura.

Os relatos foram agrupados num compêndio, compondo o acervo da biblioteca comunitária. As crianças, suas famílias e toda a equipe do CMEI escreveram sua história na história da educação do município de São José dos Pinhais.

Outro ponto alto do Projeto foi a participação e o engajamento de muitas pessoas. Os pais, através dos relatos, mostraram que consideravam este tipo trabalho essencial na formação de seus filhos. Diversos escreveram que estes momentos serviam para aproximar mais a família e estreitar os vínculos afetivos.

A diretora auxiliar, empolgada pelo fato do projeto ter contagiado tanta gente, realizou entrevistas com alguns pais indagando o que estes tinham a dizer sobre o trabalho que estava sendo realizado com seus filhos. Assim, trouxe as famílias para dentro da Unidade. As filmagens encontram-se armazenadas na secretaria do CMEI e podem ser acessadas por quem tiver interesse.

A fundamentação

Muitos educadores e professores da Educação Infantil indagam sobre a necessidade de dar livros aos pequenos se estes ainda não leem, pois têm aquela concepção de leitura enquanto decifração de um código. Todavia, é fato comprovado que esta visão está mais que ultrapassada.

Uma das autoras que corroboram com a definição de que a leitura vai além é Solé (1998, p.22), respaldando que esta: “é um processo de interação entre o leitor e o texto”. Desta forma, percebe-se o papel do leitor no ato de ler e compreender um texto, pois este só será entendido em sua plenitude com sua participação que, através de suas experiências prévias, sua cultura, seus recursos cognitivos e com o manejo das pistas deixadas na superfície textual pelo autor, irá construir um significado para o texto.

Esta suposição implica no fato de que duas pessoas lendo o mesmo texto podem ter visões diferentes sobre ele, pois nem sempre farão as mesmas interações sobre o assunto, uma vez que as capacidades internalizadas e o conhecimento de mundo de cada uma são específicos.

Segundo Jolibert (1994, p. 15), “ler é questionar algo escrito como tal a partir de uma expectativa real (necessidade-prazer) numa verdadeira situação de vida”. Logo, o ato de ler nada tem a ver com decodificação pura e simples e varia tanto de um leitor para outro, quanto de um texto para outro.

Outro autor que compactua com as ideias apresentadas pela autora supracitada é Napolini (2009, p. 18) quando defende que ler é a ação de conceber sentidos a partir do texto, através de uma constante interação dos elementos que o compõem com os saberes do leitor. Portanto, a leitura de um texto não é um processo passivo, exigindo a participação do leitor que dialogará com as pistas sinalizadas pelo autor, redefinindo palavras (não apenas decodificando-as), numa ação recíproca entre leitor e autor.

Pensar sobre o que é realmente a leitura e sobre o papel da escola na formação de leitores, faz com que algumas visões a respeito da temática sejam questionadas. Como bem observado acima, já é consenso entre muitos educadores que a leitura é mais que a mera junção de palavras em um texto, é preciso ler as entrelinhas.

Segundo Alliende e Condemarín (1987, p. 26), o processo de leitura compreende um conjunto de operações parciais, contudo não se deve confundir algumas dessas operações iniciais, como a decodificação, com a totalidade do processo. Para os autores, a decodificação

no processo de leitura pode ser compreendida como o reconhecimento de signos gráficos e sua tradução para a linguagem oral ou outro sistema de signo. Já a compreensão seria a capacidade de decifrar o código de uma mensagem, apropriando-se de seu significado. Pode-se aferir, então que, aprender a ler é entender uma variedade de textos escritos, não apenas decodificá-los.

Posto isso, faz-se necessário que crianças e jovens tenham cada vez mais contato com muitos textos, de todos os gêneros, ampliando seu grau de compreensão e sua própria formação. Contudo, na prática, essa noção ainda parece perder-se diante de outras concepções de leitura que ainda orientam as práticas escolares e da maneira como esta vem sendo encaminhada em algumas salas de aula, muitas vezes distanciando ainda mais o aluno do gosto por ela.

Fonseca (2012, p36), ao tratar dos propósitos e comportamentos leitores, defende o professor enquanto modelo de leitor, ressaltando que “o professor de Educação Infantil tem um papel importantíssimo nessa fase da vida da criança, em relação aos seus primeiros contatos com a leitura e a formação de hábitos leitores”.

Os professores precisam refletir sobre seu real papel no desenvolvimento de práticas sociais de leitura, vivenciando sua função de mediador e incentivador deste ato. Muitas vezes, a escola ensina a ler, mas não forma leitores reais, devido ao tratamento da leitura de forma mecânica, sem compreensão, usada apenas como decodificação. O professor apaixonado pela leitura pode evitar este desastre. Ele pode ser a fonte de interesse do aluno pela mesma, levando-o a uma convivência afetiva e efetiva com a mesma. Desta forma, verifica-se que um professor que gosta de ler tem mais condições de realizar este trabalho em sala aula, pois além de dominar seu objeto de trabalho evidencia no tratamento com este, todo o prazer e encantamento que o processo da leitura desencadeia nele enquanto leitor, contagiando pelo exemplo e persuasão, falando com propriedade dos livros que leu e garantindo condições de produção de leitura.

A leitura deve ser entendida enquanto prática social e, para os pequenos, acontece com a mediação do adulto (no CMEI: o professor/educador; em casa: os pais, irmãos e/ou outros familiares). No CMEI, esta mediação pressupõe, de acordo com Maia (2007, p. 19), “um certo envolvimento afetivo do professor com a obra literária, como a realização de práticas de leitura para/com a criança, em que o diálogo entre texto e leitor, mesmo iniciante, seja incentivado”. Portanto, entende-se que, para que haja uma mediação realmente eficaz, também haverá a necessidade do grupo ser formado enquanto leitor.

Referindo-se ao trabalho com os livros em sala de aula, Parreiras (2012, p. 196), afirma que:

a proximidade aos livros traz conforto e alegria às crianças. Elas se apegam aos brinquedos assim como se apegam aos livros. E quando se estabelece uma rotina de trabalho com os livros na sala de aula, a criança se acostuma com a presença, com a leitura de histórias, com o empréstimo, com as novidades que chegam à sala de aula. Ela espera a hora do conto ou da leitura de histórias ser feita pela professora, como um dos momentos inesquecíveis de sua passagem pela escola.

Por isso, não se pode deixar de ter em mente que para formar bons leitores é preciso criar situações para que ele amplie sua experiência, seja lendo para ele com frequência, seja oportunizando o contato do mesmo com livros e outros portadores de texto.

As crianças gostam de ouvir histórias, mas também apreciam manusear os livros e viajar nas asas da imaginação. Por isso, é fundamental que o acesso a estes materiais seja garantido aos pequenos, atentando-se para que o acervo seja de boa qualidade. De acordo com Fonseca (2012, p. 12) “a escola precisa levar em conta a diversidade, para que o público atendido tenha a chance de escolher o que quer ler”. Pensando nesta diversidade, deve-se propiciar o contato da criança com os mais variados gêneros, desde cedo, ampliando seu universo cultural e também o imaginário. Ainda com relação à escolha dos livros deve-se ter em mente qual a concepção que a equipe tem do que é ser criança. Quando se acredita numa criança ativa, sujeito de direitos, protagonista de sua própria história, que produz cultura e constrói seu conhecimento a partir das interações que estabelece, há a busca por materiais que sejam condizentes a esta visão. Por conseguinte, abandonam-se aqueles livros que trazem uma linguagem infantilizante e subestimam a capacidade da criança. Para estes, já não haverá espaço nos cantos de leitura.

Dos resultados

Quando o diagnóstico da realidade teve início, jamais se imaginou que o projeto que seria construído tomaria as proporções que alcançou. A participação da comunidade escolar foi massiva e mostrou mudanças de postura por parte de muitos dos envolvidos.

Com a renovação do acervo, a reestruturação dos cantos de leitura em sala de aula e a formação da equipe notou-se que as crianças ampliaram o repertório linguístico através do uso de novas palavras, muitas relacionadas às histórias apreciadas; alargaram o imaginário infantil, retratado tanto na produção de desenhos e tentativas de escrita, quanto na reprodução oral de histórias dramatizadas pelos pequenos; desenvolveram a oralidade, através do reconto,

do manuseio e leitura de imagens dos livros, reproduzindo as histórias contadas e/ou lidas pelos professores; desenvolveram o jogo simbólico, alimentando suas brincadeiras, onde personagens fictícios conviviam em harmonia com personagens reais; tomaram consciência da função do objeto livro, ajudando a preservar os mesmos enquanto manuseavam-nos; desenvolveram comportamentos leitores; passaram a apreciar diferentes tipos de textos e narrativas.

O grupo de trabalho, de maneira geral, também apresentou indicadores de que o trabalho com o projeto foi positivo. Dentre estes indicadores, pode-se citar: assim como as crianças, desenvolveram comportamentos leitores, aprendendo a identificá-los; ampliaram seu repertório cultural; demonstraram interesse pela temática, engajando-se no projeto; passaram a ler mais; realizaram leituras e contações de histórias em suas salas de aula; contribuíram com textos e excertos de livros para a composição do mural; desenvolveram sequências didáticas de leitura.

Os pais participaram muito, seja através dos relatos enviados no caderno que acompanhava os livros, seja através das entrevistas. O que mais chamou a atenção por parte dos mesmos é que a maioria resolveu registrar os momentos de leitura em família através de imagens, compartilhando as mesmas nos cadernos, juntamente com os depoimentos escritos. Outro fator que merece destaque é que muitos pais adquiriram o hábito de emprestar livros da biblioteca para ler em casa.

O resultado mais positivo, no entanto, foi a construção da biblioteca comunitária. Inicialmente, contamos com a doação dos próprios pais para compor o acervo. Contudo, o compartilhamento destas solicitações de doações de livros em redes sociais fez com que o projeto tomasse uma proporção fantástica. A Unidade recebeu doações de pessoas de diversos lugares e em quantidade e diversidade vastas, tornando-se referência para outros CMEIs da região. Atualmente, conta com cerca de quinhentos títulos e tornou-se motivo de orgulho para todos aqueles que participaram de sua construção.

Para a equipe gestora ficou um aprendizado que ultrapassa os limites dos livros, enriquecido pelas interações estabelecidas com o desenvolvimento deste projeto, provando que uma comunidade leitora faz-se realmente muito mais atuante.

Considerações Finais

A leitura ganha espaço enquanto ritual que reúne a família em torno de uma atividade específica, solidificando relações e ampliando o repertório cultural de todos os envolvidos no momento.

A parada para reflexão em torno da temática levou o grupo a perceber a necessidade do registro do trabalho que muitas profissionais já estavam realizando na Unidade. De maneira geral, percebeu-se uma participação maior dos pais, que deram retorno do trabalho por meio dos registros e doações de livros para compor o acervo da biblioteca comunitária.

Nas constantes reavaliações feitas pela equipe diretiva junto ao seu grupo de trabalho, há indicações de que os envolvidos no projeto estão contentes com o resultado do trabalho. Além da participação da comunidade, houve uma melhoria no repertório linguístico e cultural da maioria dos envolvidos. Sem contar, que atualmente há mais pessoas comentando sobre leitura. Isso só vem a corroborar com a ideia de que o investimento na formação continuada do grupo fortalece a construção de boas práticas na Educação Infantil. Soma-se a este pensamento o fato de que o investimento na formação de leitores é crucial para o desenvolvimento de qualquer trabalho.

REFERÊNCIAS

ALLIENDE, Felipe; CONDEMARIN, Mabel. **Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. Tradução de José Cláudio de Almeida Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FONSECA, Edi. **Interações: com olhos de ler, apontamentos sobre a leitura para a prática do professor de educação infantil**. São Paulo: Blucher, 2012.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

NASPOLINI, Ana Tereza. **Tijolo por tijolo: Prática de ensino de Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD, 2009.

PARREIRAS, Ninfa. **Do ventre ao colo, do som à literatura: livros para bebês e crianças**. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Tradução de Cláudia Schilling. 6. Ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.